

## FORMAÇÃO DOCENTE E PESQUISA NA EJA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS

Antônia Celma de Sousa Mota  
Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED)  
celmaflated@gmail.com

Ana Célia Sousa Freitas  
Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED)  
acmartins366@gmail.com

Camilla Rocha da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC).  
camilla.pedagoga@hotmail.com

### RESUMO

O presente artigo traz a visão dos pontos observados no Estágio Supervisionado da disciplina de Fundamentos e Métodos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Neste artigo apresentamos a nossa percepção, a partir da observação realizada, sobre os desafios enfrentados cotidianamente pelos professores(as) e estudantes da EJA, durante o processo das atividades educacionais desenvolvidas pelos mesmos. Ao buscar entender e refletir sobre essas pessoas que, por um motivo ou outro tiveram que adiar seus estudos ou abandoná-los de vez, foi que sentimos a necessidade e tivemos como objetivo conhecer mais de perto as questões que implicam a EJA, na intenção de ampliar nossa visão e conhecimento a respeito da referida modalidade. Além disso, a temática nos causou certa curiosidade, no sentido de buscar conhecer os diferentes motivos que levam esses jovens e adultos a reingressarem na escola depois de tempos fora da mesma. A abordagem dessa pesquisa é de caráter qualitativo, pois a mesma nos auxilia na análise da realidade, nos levando mais próximo dos sujeitos investigados. Realizamos as observações nas turmas de EJA I, II e III em uma escola da rede pública de ensino de Fortaleza - CE. Além das observações, para coletar dados para a pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas com membros do corpo gestor da escola, com alguns(mas) professores(as) e, também, com alguns(mas) estudantes. A realização desse trabalho nos possibilitou conhecer melhor a Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos fazendo refletir sobre as observações que fizemos e os diálogos que tivemos e pudemos entender um pouco como ela acontece nos espaços educacionais da rede municipal de ensino de Fortaleza.

**Palavras-chave:** EJA. Escola pública. Formação.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo traz a visão dos pontos observados no Estágio Supervisionado da disciplina de Fundamentos e Métodos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estágio foi realizado em uma escola da rede pública de ensino de Fortaleza - CE, durante os meses de março a maio de 2016. Neste artigo apresentamos a nossa percepção – enquanto estudantes de Pedagogia e Pedagoga –, a partir da observação realizada, sobre os desafios enfrentados cotidianamente pelos professores(as) e estudantes da EJA, durante o processo das atividades educacionais desenvolvidas pelos mesmos.

Muitos dos jovens e adultos analfabetos ou semianalfabetos acredita que a escola é o lugar onde se busca os conhecimentos necessários para se ter um trabalho melhor e socialmente mais valorizado, como se o sucesso ou o fracasso de suas vidas fosse resultado apenas de seus esforços individuais.

Portanto, falar da EJA é tratar da luta de alguns em busca de oportunidades. É falar daqueles(las) que, por diversos motivos, não tiveram acesso à escola ainda quando crianças, seja porque precisaram começar a trabalhar cedo, para ajudar no sustento da família, ou porque simplesmente não tiveram acesso à escola, dentre outros. Diante disso, entendemos porque é tão importante continuar lutando por uma educação de qualidade e acessível a todos(as).

Sobre essa questão, dialogamos com Moura e Silva (2013, p. 33):

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil acompanhou as transformações políticas, sociais e econômicas do país, buscando o ensino de qualidade, porém, as lutas foram grandes em manter este sistema de ensino e fazer com que os educandos desta modalidade educacional conheçam e busquem o direito a uma vida mais digna, com perspectiva de construir um Brasil de mudanças positivas, promovendo assim, a formação de cidadãos que visam à humanização.

Assim, percebemos que a EJA há muito tempo está na pauta das lutas sociais empreendidas por aqueles e aquelas que veem na educação uma maneira de se adquirir, além de conhecimentos escolares, a formação de cidadãos e cidadãs que se reconheçam enquanto sujeitos de direitos e deveres na sociedade em que estão inseridos.

A abordagem dessa pesquisa é de caráter qualitativo, pois a mesma nos auxilia na análise da realidade através da coleta, da observação, nos levando mais próximo dos sujeitos investigados. De acordo com Gatti e André (2013, p. 30),

[...] as pesquisas chamadas de qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio de compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões culturais, sociais ou pessoais.

Para esses jovens e adultos, entrar na escola ou retornar a ela mudará suas vidas. Este passo torna-se importante desde que não se restrinja a objetivos individuais, mas que também esteja voltado para mudanças sociais.

Reconhecendo a EJA com uma perspectiva ampla, que abrange tanto a alfabetização e a educação básica de adultos quanto as atividades voltadas para a profissionalização, ressaltamos que a origem e a trajetória de ambas é marcada no Brasil como destinada às classes menos favorecidas (VENTURA, s/d), e predominantemente paralela ao sistema

regular de ensino tornando ainda mais perverso quando consideramos que a grande maioria destes estudantes foi e ainda é excluída na hierarquizada sociedade brasileira.

Ao buscar entender e refletir sobre essas pessoas que, por um motivo ou outro tiveram que adiar seus estudos ou abandoná-los de vez, foi que sentimos a necessidade e tivemos como objetivo conhecer mais de perto as questões que implicam a EJA, na intenção de ampliar nossa visão e conhecimento a respeito da referida modalidade. Além disso, a temática nos causou certa curiosidade, no sentido de buscar conhecer os diferentes motivos que levam esses jovens e adultos a reingressarem na escola depois de tempos fora da mesma.

As observações deram-se no âmbito de uma escola pública municipal, onde pudemos não só observar, mas também dialogar com os autores que compõem o espaço escolar, pessoas junto às quais coletamos as informações sobre como acontece a EJA naquele ambiente educacional, além de observarmos como se dá as relações entre os diversos membros que a compõem.

A instituição educacional na qual foi realizada a pesquisa situa-se na periferia da cidade de Fortaleza e é bem conhecida no bairro, pelo tempo de atuação na comunidade. A escola foi fundada no ano de 1974, sendo inaugurada somente dois anos depois. Atualmente, funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite) e oferta turmas de Ensino Fundamental II (5º ao 9º anos) no período diurno e a EJA e Pró-Jovem no período noturno. Há, em seus arredores, algumas escolas particulares, além de comércios, como padaria e armazinhos, o que faz do entorno da escola ser bem movimentado.

É também um local onde a insegurança se faz presente, haja vista estar localizada numa comunidade de periferia, onde as dificuldades socioeconômicas e culturais são latentes e alguns(mas) jovens se veem atraídos pelas drogas e pela criminalidade. Assim, não faltam relatos de roubos e furtos pelas redondezas da escola.

Nosso alvo de pesquisa foram turmas de EJA I, II e III, que funcionam à noite, mas, antes de iniciarmos nosso trabalho, foi necessário ir a escola à escola no período da tarde, para solicitar a permissão da gestão para a realização do mesmo. Fomos muito bem recebidas e, apesar da pressa do gestor em nos direcionar a outra pessoa, entendemos – ao refletirmos posteriormente – como uma forma de agilizar o seu trabalho e o nosso também, pois o mesmo andava às voltas com a reforma da quadra de esportes e a construção de uma horta, que nos deixou encantadas ao conhecer o projeto já quase todo pronto. Enfim, o gestor autorizou nosso trabalho e nos direcionou a um dos coordenadores responsáveis pelo turno noturno, este foi bastante solícito, nos deu total atenção nesse momento e em todas as outras oportunidades que precisamos contatar com o mesmo.

Nessa primeira visita, o coordenador nos explicou como funciona o turno noturno na escola, as demandas e o público que atende, ressaltando que é um turno que precisa de muita atenção, apesar de ser o mais tranquilo da escola, uma vez que a maioria que vai para esse horário são pessoas adultas que realmente querem estudar, ele destacou que há alguns jovens “difíceis”, mas que, com o diálogo, conseguem contornar certos conflitos que surgem.

Também nos informou sobre a quantidade de alunos que a escola atende: um total de 960 alunos, divididos nos três turnos que a escola disponibiliza, sendo que o turno noturno, conta com 150 alunos, sendo somente 30 do Pró-Jovem e os demais da EJA. Após estas informações, o coordenador nos encaminhou às salas de aula onde faríamos nossas observações.

Realizamos as observações nas turmas de EJA I, II e III, que funcionam na mesma sala. Apresentamo-nos à professora e esta nos apresentou à turma, explicando aos alunos o porquê de estarmos ali, e os mesmos nos acolheram muito bem. A sala contava com 15 alunos, mas tem um total de 28 matriculados, segundo a professora. Vale ressaltar que, no início da noite, eram bem poucos, mas a toda hora chegava mais um. Percebemos que há certa tolerância em relação aos atrasos, porém, em um determinado momento, a professora reclamou, pois devido ao entra-e-sai dos estudantes, ela não conseguia começar a aula.

Percebemos que, no meio desses quinze, os mais jovens são os que menos se concentravam. Chamou-nos a atenção um grupinho de senhoras, bem empenhadas em entender as explicações da professora, enquanto os mais jovens buscavam chamar atenção com “brincadeiras” e “algazarras”, até que a professora se impôs com firmeza e começou a aula.

Além das observações, para coletar dados para a pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas com membros do corpo gestor da escola, com alguns(mas) professores(as) e, também, com alguns(mas) estudantes. Este tipo de instrumento de coleta é adequado ao tipo de pesquisa qualitativa como a nossa, visto que permite obter dados “[...] que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, isto é, suas atitudes, valores e opiniões. São informações ao nível mais profundo da realidade que os cientistas sociais costumam denominar ‘subjéctivos’. Só podem ser conseguidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos” (MINAYO, 1996, p. 108).

## **DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE EJA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Nossos encontros com o gestor foram sempre rápidos, haja vista sua rotina corrida de trabalho, porém, os dois momentos em que tivemos oportunidade de dialogar com o mesmo foram satisfatórios.

Havíamos elaborado uma entrevista semiestruturada e deixamos fluir o diálogo, perguntando sobre como era o turno da noite, e ele pareceu bem satisfeito, ao relatar que é o turno mais tranquilo da escola, uma vez que, para ele, só está ali quem quer crescer, quem procura algo útil para fazer à noite. Também nos falou do quanto a escola tem crescido durante esse tempo que está a serviço da comunidade. Ele nos contou que é gestor da escola desde 2013, falou das reformas que estavam acontecendo enquanto realizávamos o estágio, que eram pra melhorar a quadra de esporte e dar impulso à horta que está bem encaminhada.

Já com o coordenador os diálogos foram mais tranquilos e mais demorados, pois este estava sempre mais disponível para nos dar atenção, desse modo, foi mais fácil obter informações mais precisas sobre a EJA na escola.

De início questionamos sobre a formação dos professores da EJA, além de perguntar sobre a relação dos profissionais com a coordenação, com a gestão e com os(as) estudantes.

O coordenador nos respondeu que os(as) professores(as), além de serem Pedagogos(as), passam por formação específica para atuar na EJA, participando também de formações mensais promovidas pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Além disso, informou-nos que fazem planejamento semanal, onde preparam as atividades cotidianas de sala de aula e que estes têm total autonomia para trabalhar com os(as) educandos(as). Já sobre as relações interpessoais, o coordenador nos relatou que a escola busca estabelecer um diálogo democrático com todos(as) os(as) envolvidos(as) nas demandas da escola, que todos(as) participam das decisões e propostas que envolvem o trabalho coletivo da mesma.

Ao analisar a fala do coordenador sobre as formações disponibilizadas para os professores pela Prefeitura, lembramos que a efetivação das políticas públicas educacionais surgiu a partir da necessidade de qualificação e diversificação da força de trabalho dando expressão à problemática da EJA. Segundo Ventura (1999, p. 02), antes, “[...] a necessidade de instrução não era sentida nem pela população nem pelos poderes constituídos”. Posteriormente, com a industrialização, a preocupação voltada para o atendimento de menores abandonados desdobrou-se para a preparação de trabalhadores para a vida urbana. A partir de então, foram se consolidando mais as políticas públicas voltadas para a EJA.

Continuamos a entrevista com o coordenador, indagando sobre algum projeto voltado para o mercado de trabalho, onde os alunos da EJA pudessem estar incluídos, e sua resposta veio um pouco em tom de desabafo: “Infelizmente, aqui não temos! Já tivemos, como houve

alguns cortes da prefeitura, a escola não pode mais oferecer as oficinas profissionalizantes, sem verba para esse fim, a escola não consegue dar suporte nesse sentido, aliás, não fazemos melhor nosso trabalho por falta de apoio e incentivo”.

Essa fala do gestor contradiz aquilo que está posto na LDB sobre o Ensino de Jovens e Adultos e o ensino profissionalizante.

§ 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008). (BRASIL, 1996, s/p).

A lei garante aos estudantes dessa modalidade a preparação também para o mercado de trabalho, já que muitos retornam exatamente por ver nos estudos uma possibilidade de entrar ou permanecer nesse mercado, cada vez mais concorrido. Porém, o poder público nem sempre age conforme a lei determina, o que dificulta o melhor andamento das propostas para melhoria da educação.

Ao conversarmos com os docentes, também levamos alguns questionamentos para que, a partir deles, pudéssemos entender como funciona essa modalidade, os desafios e os anseios dos(as) envolvidos(as) na EJA, no espaço educacional investigado.

Ao dialogar com uma docente e um docente, perguntamos há quanto tempo estavam na EJA; porque optaram por esta modalidade de ensino; quais os desafios e realizações que vivenciam no cotidiano da sala de aula; como é o diálogo entre ele/ela e os(as) estudantes; e, ainda, como fazem para superar as dificuldades. Vejamos as falas dos(as) docentes:

Trabalho com a EJA há três anos. Escolhi o horário noturno e, como este está destinado à EJA, gosto muito, porque os alunos são mais interessados, é mais calmo, apesar do horário. Meu trabalho com eles é pautado no respeito ao que cada um pode fazer, mas sempre buscando motivá-los a ir além. Como são jovens e adultos, temos que ter muito jogo de cintura, de vez em quando dinamizar, para que eles não desanimem. Aqui só dispomos dos livros – e de forma bem precária – e do quadro, algumas vezes podemos trabalhar com filmes, com poucos recursos precisamos ser dinâmicos. [...] o diálogo é muito importante, principalmente por serem jovens e adultos, se ficarmos só passando conteúdo, atividade mecanicamente, se não mostramos interesse pela vida do aluno, ele desanima. Além do mais, é interessante você dialogar sobre os acontecimentos cotidianos, o que está na mídia, jornais etc., além de despertar o interesse, é uma forma de informar, de ensinar. (Professora 01).

Aqui tomamos como referência o que diz Paulo Freire (1989), em seu livro *A importância do ato de ler*, pois o autor ressalta o valor dos acontecimentos cotidianos para a aprendizagem, já que o trabalho com o contexto em que vivem os(as) educando(as) traz maior

significação na aquisição de conhecimento, ressignificando tanto os acontecimentos quanto a aprendizagem, já que as duas coisas não devem se dissociar.

A professora com quem tivemos oportunidade de conversar ressaltou ainda que o diálogo e essa partilha da vida cotidiana alivia o cansaço com que muitos(as) chegam à sala de aula:

[...] Como disse anteriormente, estamos sempre dialogando com os estudantes e muitos chegam cansados e ou até chateados e, após conversarmos juntos sobre o dia, eles vão se acalmando. Alguns têm dificuldades diárias e acabam encontrando na sala de aula um refúgio e um alívio depois de partilhar suas dificuldades. Claro que nem todos gostam de falar de suas realidades, seja ela qual for, mas os que se sentem á vontade, basta ouvir a pergunta que faço quase sempre: ‘Como o dia de vocês ou a semana?’, daí alguns já se soltam e expõem suas alegrias ou dificuldades. Isso é importante, mostra que a professora tem interesse em vê-los bem. (Professora 01).

Ao refletirmos sobre essa fala, percebemos que realmente se faz necessária essa ligação entre ensino-aprendizagem e vivências cotidianas para uma melhor interação e apreensão de conhecimentos. Como afirma Freire (1996, p. 30): “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...]? Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”.

Com o outro professor nossa conversa foi mais informal, já que este estava em horário de aula, mas mesmo assim não viu empecilho em colaborar conosco. Ele nos relatou que trabalha com EJA há três anos, porém na escola estava apenas a duas semanas, substituindo uma professora que precisou se ausentar por problemas de saúde. O mesmo nos confirmou todas as informações dadas pela outra professora entrevistada, acerca do cotidiano na sala de aula, e também demonstrou satisfação em trabalhar com a turma da EJA, pois a mesma é bem interessada e participativa.

Notamos realmente o interesse da turma com este professor, até arriscaram um debate sobre a falta de livros com ele. Entretanto, fomos mais breves nessa entrevista, por conta de o professor ter nos atendido no horário da aula, porém, ficamos satisfeitas com as informações por ele repassadas.

Para melhor compreender a EJA sob o olhar dos diversos sujeitos que a compõem no âmbito da escola investigada, buscamos dialogar também com as(os) estudantes, como já o afirmamos. Assim, aproveitando a oportunidade de estarmos na escola, convidamos dois alunos e uma aluna para uma breve interlocução, que aconteceu de forma bem espontânea.

Utilizamos alguns questionamentos da entrevista semiestruturada que nos foram pertinentes na ocasião e os principais foram sobre os motivos pelos quais deixaram de estudar

e o porquê do retorno, além de lhes questionar sobre como tem sido estar em sala de aula, os anseios e desafios que enfrentam enquanto estudantes da EJA. Abaixo transcrevemos alguns trechos das falas dos(as) discentes:

Eu 'tô' no EJA II, porque parei na 4ª série, quando eu tinha uns 10 anos. Voltei a estudar nesse ano mesmo, agora, quando começou as aulas, em janeiro [...] Deixei de estudar porque os meninos diziam as coisas comigo, implicavam comigo, sabe? Eu estudava aqui, até meus 10 anos de idade. Depois eu fui expulso, os meninos me machucavam e eu, pra me defender, batia também, até me furaram na cabeça, na perna, eu tenho uns machucados ainda, aí eu saí. Agora eu voltei, porque é bom estudar, a professora é muito boa, ela ensina bem a gente, tira nossa dúvida, a gente se distrai na escola. É difícil só na matemática, mas as professoras ajudam, eu não converso muito, faço meu dever e vou pra casa. (Estudante 01 – 30 anos).

Percebemos neste estudante certa dificuldade para responder algumas perguntas, como, por exemplo, sobre o que pretende fazer depois de terminar a EJA, por isso nos detivemos somente àquilo que o aluno conseguia expor. Achamos bem interessante sua participação, pois o mesmo apresentava traços de TDAH<sup>4</sup>, fato que depois nos foi confirmado pela professora.

Seguindo as entrevistas, trazemos abaixo o relato de outro estudante:

A gente aprende a ler e escrever e também fica mais preparado pra trabalhar. Tenho dificuldade na matemática, principalmente na multiplicação, mas as professoras sempre ajudam. Quero fazer meu ensino médio e trabalhar pra ajudar meus pais. [...] Elas [as professoras] falam sempre com a gente sobre o que acontece de bom ou de não muito bom com a gente, fala das coisas que passa na TV, informa, a gente, sabe? [...] Às vezes, quando a gente fala alguma coisa que aconteceu durante o dia, ela parece que transforma na aula, tipo: se você falar que teve assalto, ela vai falar da segurança pública, que temos direito a andar em segurança, essas coisas assim, e todo mundo entra na conversa e até fica mais animada aula, não porque alguém foi assaltado, mas porque todos têm alguma coisa pra dizer, porque a maioria já passou por isso. (Estudante 02 – 17 anos).

Vemos neste depoimento que o estudante reforça a fala das professoras sobre a importância de dialogar a vida cotidiana como forma de dar mais sentido às suas práticas de sala de aula.

Para sublimar nossas observações, tivemos a oportunidade de contatar com uma aluna bem interativa e espontânea, precisamos apenas iniciar a conversa para que ela explanasse e correspondesse a alguns dos questionamentos que trazíamos. Vejamos um pouco do relato de sua história de vida e a relação desta com a EJA:

---

<sup>4</sup> “O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade”. Fonte: Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Disponível em: < <http://www.tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

[...] eu perdi minha mãe ainda muito criança e meu pai foi dando os filhos todos (éramos 9 irmãos), alguns tiveram a sorte de ser 'criado' por pessoas com mais condição, estudaram, a maioria eu perdi de vista. Eu fui criada por pessoas que não tinham condições e desde cedo tive que trabalhar, casei [...] tive 3 filhos: duas meninas e um menino. Quando eles começaram a ir pra escola, comecei a sentir falta do estudo, porque sempre gostei de acompanhá-los na escola, ia deixar, buscar e para as reuniões, aí que eu ficava triste, porque não sabia nem assinar meu nome. Tentei fazer o MOBRAL, mas o marido não aceitava, acabei deixando pra lá. Os filhos foram crescendo e, com a chegada dos netos, a vontade de estudar voltou! Então apareceu o 'Fortaleza Alfabetizada' [...] Minha filha já sabia da minha vontade, falou pro rapaz ir lá em casa, ele foi e colocou meu nome, quando eu falei para o marido, ele perguntou se eu estava ficando doida, eu disse: 'Doida não! Eu tô criando é juízo agora!', aí era ele e o meu filho contra e eu, mas as duas filhas a favor, então era 3 contra 2, então, 'Agora eu vou!', comecei a ir. No primeiro dia, fiquei pensando: 'Meu Deus, o que eu vim fazer aqui?!'. Eu pensava que só ia ter jovem, quando eu entrei na sala, pensei como: 'Menina, eu sou é uma adolescente aqui'. Tinha tanta gente idosa, aí eu me animei e não quis mais parar. Tinha um supervisor do programa que ia todo dia observar as aulas e, no final, quando terminou os seis meses, na festa de encerramento, ele me chamou e disse que eu tinha me destacado e pediu para eu não parar, que eu viesse para a escola continuar a EJA. (Estudante 03 – 65 anos).

A estudante acima representa bem o público da EJA, uma vez que esta é destinada àqueles(as) que não tiveram oportunidade de frequentar a escola por conta de diversos fatores, como já mencionamos. Ela continuou seu relato, entusiasmada com nosso interesse em ouvi-la:

Então eu vim me matricular e fiquei na EJA I [...] Hoje estou no EJA III e gosto muito de estudar, a gente aprende muito, faz amizades, aprende sobre nossos direitos e deveres, se sente mais gente, não tem vergonha de assinar o nome. Agora eu escrevo até carta! Meu sonho era encontrar meu irmão que desde criança eu não via, depois que aprendi a ler escrevi carta para aqueles programas de encontrar pessoas e ano passado achei ele e esse ano já marcamos de nos reencontrar. Tudo isso eu descobri, depois da leitura das letras, eu sabia muitas coisas de viver, mas faltava alguma coisa, era ler e escrever. (Estudante 03 – 65 anos).

Aqui lembramos novamente A importância do ato de ler de Freire (1989), que nos diz que "a leitura de mundo precede a leitura da palavra". E quando ela nos diz que, mesmo tendo suas experiências de vida, lhe faltava o ler e escrever, lembramos que neste mesmo livro Paulo Freire ressalta que as duas leituras se completam, se resinificam.

Continuamos nosso diálogo perguntando como era a relação entre os(as) professores(as) e os(as) estudantes:

As professoras são muito amigas e fazem de tudo pra que a gente aprenda. Embora os recursos sejam poucos, os livros não chegam, a gente sempre conversa das coisas da vida. Olhe, estudar aqui é muito bom, apesar de ter uns jovens mais bagunceiros, mas quando nós, mais velhos, reclamamos, eles até melhoram. A dificuldade mesmo é a falta de material, principalmente de livros, mas o restante é muito bom. Aqui a gente janta quando chega, porque tem gente que vem direto do trabalho, então já chega com fome, aí se alimenta antes da aula. Não tem intervalo porque termina

mais cedo pra não ficar tão perigoso, tudo isso é pensado pra dar mais um pouco de segurança. (Estudante 03 – 65 anos).

Quando ela fala da falta de livro nos lembramos de que essa reclamação foi feita em sala durante nossas observações e que a mesma aluna fez um desabafo, este apoiado pelos demais, quanto a essa questão, pois segundo os(as) mesmos(as), esta é uma problemática constante e que a gestão não dá uma solução plausível, o que prejudica a grande maioria dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desse trabalho nos possibilitou conhecer melhor a Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos fazendo refletir sobre as observações que fizemos e os diálogos que tivemos e pudemos entender um pouco como ela acontece nos espaços educacionais da rede municipal de ensino de Fortaleza.

Percebemos que há uma amalgamação de faixa etária, onde jovens e adultos ocupam os mesmos ambientes e partilham as mesmas aprendizagens de forma democrática.

Notamos que a escola, apesar da falta de alguns recursos, demonstra interesse na aprendizagem de seus alunos que a EJA é uma prioridade da mesma.

Comprendemos ainda que estes(as) jovens buscam continuar os estudos no intuito de facilitar a entrada no mercado de trabalho, já os adultos, na sua maioria mulheres, querem vencer as barreiras do analfabetismo, a frustração de não escrever o próprio nome, além de, também, buscar melhor qualificação para o mercado de trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2016.

FREIRE, Paulo. A importância de ato de ler. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bemodete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Hellen Tânia Rodrigues da; MOURA, Tânia Mara Souza. Educação de Jovens e Adultos – Eja: Desafios e Práticas Pedagógicas. Revista Interdisciplinar: Revista Eletrônica Da Univar. v. 1, n. 9. 2013. Disponível em: <<http://www.revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/issue/view/1>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

VENTURA, Jaqueline P. Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos. Disponível em: <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2015.